

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE

Ivanilde Alves Monteiro*

Identidade Profissional Docente

O conceito de identidade profissional, de acordo com Jobert (1985), é resultado de uma evolução assente em conteúdos e lógicas de ocupação-procura social que responde a uma determinada atividade, ofício ou transmissão de um conjunto de métodos ou saberes específicos. Vem a ser o produto de um olhar para o espelho em que os fenômenos de reflexo, imagem e de percepção são determinados histórica, social e culturalmente. O reflexo é o estatuto e o prestígio concedidos a uma profissão; a imagem é selecionada de acordo com papéis acometidos e respectivo reconhecimento público da contribuição que proporciona à sociedade; e a percepção (auto e hetero-percepção) de uma identi-

dade profissional é a construção especificada da complexidade da função social esperada (Januário e Matos, 1996).

Na profissão docente não é diferente. A identidade profissional não é algo que pode ser adquirido de forma definitiva e externa. É movediça e constitui-se num processo de construção/desconstrução/reconstrução permanente, pois em cada lugar e em cada tempo, se demandam redefinições na identidade desse profissional. É um processo de produção do sujeito historicamente situado. Ocorre em um determinado contexto social e cultural em constante transformação, refletindo um processo complexo de apropriação e construção que se dá na interseção entre a biografia individual do docente e a

* Professora Adjunta da Universidade Federal de Pernambuco – Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino – ivanilde@ufpe.br

história das práticas sociais e educativas, contendo, portanto, as marcas das mais variadas concepções pedagógicas (Rockwell e Mercado, 1988).

Como sujeito sócio-cultural, o professor ou professora constrói sua identidade a partir de inúmeras referências. De um lado, estão a significação social da profissão e as relações com as instituições escolares, com outros docentes, com as associações de classe, etc. e, de outro, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano, o que inclui desde sua história familiar, sua trajetória escolar e profissional, seus valores, seu modo de situar-se no mundo, suas representações e saberes, interesses e sentimentos, enfim, o sentido que tem em sua vida o ser professor (Pimenta, 1998).

Para Melo (1999), tal identidade é construída com base no vínculo com o trabalho educativo, o que remeterá a exigências de formação profissional específica, na perspectiva de consolidar essa identidade e qualificar o próprio trabalho educativo.

Lessard (1986), também chama a atenção de que a identidade profissional traduz-se na relação que o professor estabelece com a profissão e o seu grupo de pares, e implica um processo de construção simbólica, pessoal e interpessoal que se consubstancia nas representações sobre os seguintes aspectos da atividade docente: capital de saberes, saber-fazer e saber-ser que fundamentam a prática do professor, condições do seu exercício (em termos de autonomia, controle e circunstancialismos de contexto, pertinência cultural e social) que são questões relativas ao estatuto profissional e social da função docente.

A construção da identidade profissional docente é um processo de construção social, no qual os professores, enquanto atores sociais, assumem um papel central, embora o estabelecimento de ensino e o contexto local, o local da formação inicial, entre outros, são contextos relacionais importantes de construção e transformação identitária

e, por isso, propiciadores do desenvolvimento de novas culturas profissionais.

Dentre tantos autores que estudam a questão da identidade na profissão docente, Nóvoa (1986, 1987, 1989) mostra que a profissionalização da atividade docente é um processo de construção social, com avanços, recuos, ambigüidades, lutas e conflitos em torno de um eixo caracterizado pelo estatuto social e econômico dos professores com algumas dimensões e etapas, como por exemplo: o respeito à organização de um conjunto de normas e de valores orientadores do exercício do magistério e a construção de um corpo de saberes específicos da profissão.

Nesse sentido, a estatização do ensino e a funcionarização dos professores (Nóvoa, 1989), constituíram, paradoxalmente, a primeira etapa do processo de sua profissionalização, com a passagem do controle sobre a profissão docente das mãos da Igreja para as mãos do Estado. Essa dependência em relação ao Estado, no entanto, que assegurou as condições iniciais de profissionalização dos professores conferindo alguma estabilidade e legitimidade ao exercício da profissão, impede agora as novas condições do profissionalismo, que passa necessariamente pela questão da autonomia profissional.

Assim, a profissão docente debate-se ainda hoje, segundo Nóvoa (1989), com os dilemas que a atravessaram no passado: a dependência e a autonomia, que são, no dizer de Ferreira (1996, p. 317), fatores preponderantes na construção das identidades docentes.

A problemática das identidades profissionais está intimamente ligada a essas questões do passado e do presente dos professores que temos vindo a discutir, as quais têm produzido mudanças nas relações entre os professores e o Estado; entre aqueles e os alunos, as famílias e outras pessoas e instituições do contexto em que a escola se insere; nas relações entre os próprios profissionais e nas relações de produção e transmissão dos saberes específicos da profissão.

As representações sociais da identidade profissional docente

Ivanilde A. Monteiro

A profissão docente apresenta, no dizer de Guimarães (2001), algumas marcas históricas como: a desvalorização e proletarização do professor, exercício eminentemente feminino, com caráter sagrado etc., que constituem e contribuem para manter a identidade da profissão docente como um “que-fazer” de baixa aspiração profissional, a ser desenvolvida por pessoas generosas que, portanto, mesmo que “reconhecidamente” merecedoras, se contentam com pouco (baixos salários, condições de trabalho modestas). Além do que a profissionalização do professor se torna ainda mais complexa frente à falta de um sistema e tradição na formação de professores, ao contingente de professores que atuam sem formação, à ausência de uma cultura profissional entre o professorado, à distância entre as várias faixas de remuneração, especialmente entre o ensino fundamental e o superior (Guimarães, 2001, p. 36).

Um outro ponto que merece destaque é que no seio da mesma profissão é possível encontrar uma grande diversidade de fatores e variáveis que sustentam e concorrem para uma heterogeneidade. Podemos considerar, por exemplo, o nível de ensino em que os professores trabalham, o tipo de escola pública ou privada, estadual, municipal ou federal, habilitação acadêmica, instituição formadora, o tempo de serviço, posição na carreira, disciplina que trabalha. Esses, entre outros tantos indicadores, mostram que a profissão docente não pode ser encarada numa perspectiva unificadora e homogeneizante.

Todas essas questões da profissão são fundamentais, pois estudar os professores, a identidade docente e a profissão docente implica o reconhecimento da heterogeneidade que caracteriza o grupo social e ocupacional, desde as diferenças individuais até as diferenças ou afinidades grupais, que distinguem, aproximam ou opõem uns grupos em relação aos outros.

Vários trabalhos sobre a profissão docente buscam mostrar que os professores não possuem uma identidade profissional,

mas várias identidades profissionais (culturais e subculturas docentes) e formas e estratégias identitárias diversas. Assim, na profissão docente, o processo identitário, de natureza complexa e diacrônica, constrói-se, dinamicamente, por um acomodar de inovações e um assimilar de mudanças viabilizadoras de uma reformulação psico-social de cada docente, que os leva a sentir-se e a dizer-se professores (Nóvoa, 1992).

Gomes (1993) entende que as estratégias identitárias definem-se por três elementos principais: os atores individuais ou coletivos, a situação em que os mesmos estão implicados, os desafios que ela lhes coloca e, por fim, as finalidades ou objetivos perseguidos por esses atores.

Já Gonçalves (1996, p. 369) conclui que:

a identidade dos professores constrói-se e reconstrói-se, ao longo das diferentes fases da sua carreira e segundo um processo evolutivo, de natureza construtivista, determinando e sendo determinada pelas vivências do quotidiano pessoal e profissional de cada docente.

Para o citado autor, a construção da identidade profissional começa a definir-se no decurso do processo de formação inicial, pela construção de um corpo de saberes e saber-fazer, no sentido da interiorização de saber-ser e de um saber tornar-se, que “identificam” o professor como pessoa construída por uma multiplicidade de experiências de vida, designadamente educativas, de aprendizagem e de relações humanas.

A identidade está intimamente relacionada com as representações de importantes aspectos da função docente, no que diz respeito aos valores e objetivos da prática docente, à formação inicial e seus múltiplos fatores contextuais e à própria profissão de professor, já que ser professor é sentir-se pessoa e profissional, decidir e agir em função de opções de vida e de ação que cada um tem de fazer.

Nesse sentido, a identidade profissional nunca está completamente determinada pelo grupo, pela instituição e/ou pela sociedade a

que pertence, porque todo indivíduo é um intérprete ativo e criador da sua realidade e não simples mediador entre decisões superiores e as práticas das instituições (Benavente, 1989). Assim, o processo de construção da identidade do professor vem a ser uma dinâmica que se desenvolve ao longo de toda a vida profissional, em vários espaços, onde estão presentes os conflitos e as contradições mais ou menos intensas.

Tanto a profissão de professor quanto sua identidade são influenciadas por vários fatores, de natureza externa e interna. Daí que se considere que essa influência se faça pelas dinâmicas da socialização (formal e informal), períodos/ciclos de carreira, políticas educativas - falta de controle e avaliação do trabalho, perspectivas organizacionais de escola, dependências legislativas que contrariam a postura profissional assente na descentralização, autonomia, decisão dos professores e da escola..., que contribuem para a perpetuação do mal-estar, fuga às funções docentes associada à perda do *status* e prestígio social e elevem alguma resistência a processos de inovação e mudança.

A identidade profissional revela-se na competência que o professor vai demonstrar na prática profissional (capacidade potencial para intervir), nos valores e objetivos subjacentes a essa prática, fatores contextuais e nas representações da valorização social do papel do professor. Assim, a identidade reveste-se de alguma particularidade que se inicia com a formação inicial e antes desta, e presume-se que seja construída progressivamente ao longo da carreira.

Na construção da identidade docente, para Nóvoa (1992), três processos são essenciais:

- o desenvolvimento pessoal, que se refere aos processos de produção da vida do professor;
- o desenvolvimento profissional, que se refere aos aspectos da profissionalização docente;
- e o desenvolvimento institucional, que se refere aos investimentos da institui-

ção para a consecução de seus objetivos educacionais.

No que se refere ao desenvolvimento pessoal e profissional é necessário que a construção do processo identitário do professor passe pelas representações de cada um, pois cada um precisa ter reflexão e clareza de como se vê, se sente e se diz professor, uma vez que tal construção "é uma dimensão decisiva da profissão docente, na medida em que a mudança e a inovação pedagógica estão intimamente dependentes deste pensamento reflexivo" (Nóvoa, 1992, p. 16).

Em função disso, nossa perspectiva de análise supõe a definição do conceito de identidade não como algo acabado e estável, mas como processo dinâmico que envolve, individual e coletivamente, os atores sociais e os seus contextos de ação, já que a identidade é permanentemente construída e (re)construída numa incerteza maior ou menor e mais ou menos durável (Ferreira, 1996), e a formação inicial poderá ser um suporte de reflexão e da *práxis* sobre a atividade do professorado e um "tônico" de recuperação de todos esses desgastes profissionais (Cunha, 1999).

Sentir-se professor ou assumir-se como professor é o resultado de um processo evolutivo, construído dia-a-dia e ao longo dos anos, desde o momento da opção pela profissão docente à custa, fundamentalmente, de um saber experiencial, resultante do modo como os professores se apropriam dos saberes de que são portadores, que deverão reconceitualizar; da capacidade de autonomia com que exercem a sua atividade e do sentimento de que controlam o seu trabalho (Nóvoa, 1992), no contexto de questões histórico-sócio-culturais que permeiam toda a história da profissão.

Representação social da identidade docente

As representações sociais estruturam os saberes cotidianos, as teorias populares, o senso comum, enfim, tudo que resulta do conhecimento prático, orientado para a compreensão do mundo e para a comunicação entre

As representações sociais da identidade profissional docente

Ivanilde A. Monteiro

os indivíduos. São representações que se elaboram na construção cognitiva, investida de afeto, da realidade social. São imagens, mitos, valores, significados contemporâneos, construídos pelos sujeitos a respeito dos objetos socialmente valorizados. Envolvem comunicação e discurso, determinam a relação do sujeito com o outro, pois o indivíduo se estrutura a partir das representações sociais do seu grupo e da comunidade. Torna-se, assim, o sujeito do seu tempo e, nesta relação, estrutura, também, num processo interativo, novas representações.

As dimensões, cognitiva, afetiva e social estão presentes na própria noção de representações sociais. É quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando elas estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades, que as representações sociais são formadas (Guareschi, 1997). No entanto, ainda que algumas formas de pensar da sociedade sejam abrangentes, cada grupo social converte a visão comum ao todo social em uma representação particular, de acordo com sua posição no conjunto da sociedade.

Bourdieu (1989) compreende que os atores sociais estão inseridos espacialmente em determinados campos sociais, com a posse de grandezas de certos capitais (cultural, social, econômico, político, artístico, esportivo, etc.) e o *habitus* social condiciona seu posicionamento espacial e, na luta social, identificam-se com sua classe. O autor afirma que para o ator social tentar ocupar um espaço é necessário que ele conheça as regras do jogo dentro do campo social e que esteja disposto a lutar.

Nessa perspectiva, adquire sentido a busca pelo conhecimento da representação social que os alunos, futuros professores, estão construindo da identidade docente em nossa sociedade, na medida em que a identidade profissional pressupõe a elaboração de um código comum a um grupo, funciona como, "uma rede de elementos particulares das representações profissionais, rede especifica-

mente ativada em função da situação de interação e para responder a uma intenção de identificação/diferenciação com/de grupos sociais ou profissionais" (Blin, 1997, p. 182).

Ao grupo de sujeitos, composto por 607 alunos cursantes do 2º ao 8º período letivo do Curso de Pedagogia - UFPE, foi solicitado que expressassem, em texto escrito, a representação construída socialmente da identidade docente, do que significa ser professor.

Os textos foram separados em três categorias de análise:

1. "A perspectiva da possibilidade": a representação da identidade docente como transformação;
2. "A perspectiva da adaptabilidade": a representação da identidade docente como adaptativa;
3. "A perspectiva da impossibilidade": a representação da identidade docente como "desencanto".

Cabe observar que os textos foram construídos livremente e mesmo assim foi constatada uma grande semelhança nas produções, o que comprova que as representações sociais são categorias de pensamento, ou percepções retidas na lembrança, utilizadas para explicar, justificar ou questionar a realidade em que surgiram, cuja funcionalidade é ditada pelas interações sociais do cotidiano (Minayo, 1995).

A "perspectiva da possibilidade": a representação da identidade docente como "transformação"

A identidade docente dentro de uma perspectiva sócio-crítica, preocupada com a transformação social da realidade aparece apenas nas representações de 12,3% dos sujeitos inquiridos que demonstram ter construído a representação social da identidade docente como de um profissional que pode atuar a favor da transformação das condições de vida da população.

"O professor é visto como alguém importante para a construção de um país melhor" (Q. 251).¹

"Uma pessoa que tem um grande desafio pela frente, pois não é fácil passar

As representações sociais da identidade profissional docente

Ivanilde A. Monteiro

conhecimentos e formar cidadãos críticos, quando a maioria dos alunos não leva a educação a sério" (Q. 426).

"Um incentivador e construtor de uma consciência crítica, ativo e participativo do processo educacional" (Q. 127).

"Um formador de consciência crítica" (Q. 80).

Embora o percentual dos depoimentos relativos a esta categoria seja bem inferior em relação aos depoimentos relativos às demais, já demonstra "uma luz no fim do túnel", pois as representações sociais são sempre construtivas, constituem o mundo tal como ele é conhecido e as identidades que elas sustentam garantem ao sujeito um lugar neste mundo. Assim, ao serem internalizadas, as representações passam a expressar a relação do sujeito com o mundo que ele conhece e, ao mesmo tempo, elas o situam no mundo. É essa dupla operação de definir o mundo e localizar um lugar nele que fornece às representações o seu valor simbólico e que contribui para transformações das ações:

"O professor é um ser que contribui para a formação da consciência crítica, da cidadania e da humanização do homem, num processo de troca com os alunos" (Q. 550).

"A imagem que eu construí é a de profissional que tem a capacidade de criar cidadãos críticos, o poder de mover as pessoas à uma tomada de consciência, um desejo de mudança. Ele não só instrui mas ensina o cidadão a ter dignidade e saber lutar pelos seus direitos" (Q. 538).

"O professor é como uma ponte de ligação para aqueles que querem transformações. O professor traz características que lhe diferenciam muito dos outros profissionais e que não é reconhecido pela sociedade" (Q. 543).

Fica evidente, em muitos textos, a representação social de ser professor como um "intelectual transformador" defendido por Giroux (1986, 1988), que aponta para a necessidade desse profissional assumir mais vigorosamente suas responsabilidades pe-

dagógicas e políticas, que fundamenta suas atividades em um discurso moral e ético pautado na preocupação com o sofrimento e as lutas dos oprimidos.

Nesse sentido, a formação do cidadão crítico é um ponto fundamental para a mudança das condições de vida da maioria da população, já que, do ponto de vista da pedagogia crítica, o sujeito crítico é o indivíduo ou a classe social esclarecidos, ativos, autorreflexivos, plenamente desenvolvidos, emancipados e auto-responsáveis por suas condutas e ações no mundo e na história. Educar esse sujeito significa produzir sujeitos que sejam conscientes de suas próprias condições de existência e possibilidades no mundo, portadores de um saber universal acerca de si próprios e das relações sociais.

A educação crítica, ao permitir a compreensão da realidade pelos sujeitos, "ativa a transformação individual e social do mundo da política, da cultura, da ciência, da técnica, da religião, da moral, da estética" (Rodrigues, 1989: 79).

"Um formador de consciência crítica" (Q. 80).

"Peça fundamental para a formação de um indivíduo mais crítico, instrumento que auxilia nas questões relacionadas ao conhecimento" (Q. 60).

Percebe-se nas representações dos inquiridos a figura de um professor que faça sua opção pela construção de uma escola democrática, afirmando seu compromisso com a justiça social, que lute para "ocupar um espaço de esperança", transformando a escola num lugar de interculturalidade cidadã, de dialogicidade, de responsabilidade solidária, enfim, num espaço de conhecimento mas, sobretudo, de reconhecimento (Estevão, 2004, p. 128).

"Cidadão ativo, participante construtor de identidades críticas, responsável e acima de tudo um sujeito preocupado com as questões humanas dentro e fora do seu campo de trabalho" (Q. 380).

"O professor é um ser modificante. É alguém que quer ver mudança real na soci-

As representações sociais da identidade profissional docente

Ivanilde A. Monteiro

idade. O professor é alguém que de alguma forma percebe o mundo em que vive e não se conforma. Vai atrás da mudança, coloca na sociedade pessoas preparadas para o mundo e com uma visão de mundo totalmente esclarecida (Q. 484).

Nesse sentido, vale lembrar que as representações sociais dão conta da experiência prática dos atores sociais, dependendo da sua posição social e da sua relação com a realidade. Como produções ideológicas associadas a uma prática, são atividades de conhecimento- desconhecimento, de ocultação-desocultação.

Como todas as modalidades de ideologia, as representações dão conta do trabalho que a sociedade efetua sobre as significações que são necessárias ao seu funcionamento. Há uma produção social das representações, de acordo com o sistema social existente. Na base dessa produção estão o lugar sócio-econômico dos atores, a sua prática, a instância ideológica que organiza as significações das relações sociais e a memória coletiva própria de cada grupo ou de cada classe social (Fernandes: 2000), o que pode ser utilizado para explicarmos o fato de um pequeno percentual de sujeitos inquiridos verem o professor como um "intelectual transformador", já que só a partir da década de 1970 é que começam a emergir as idéias de que o professor irá realizar sua ação no contexto escolar, no sentido de transformá-lo.

Nessa perspectiva, Saviani (1980, p. 60) elabora alguns objetivos que devem nortear o processo de formação dos professores, visando a uma pedagogia que possibilite tal intervenção na prática social:

- "a) desenvolver uma aguda consciência da realidade em que vão atuar;*
- b) proporcionar uma adequada fundamentação teórica que permita uma ação coerente;*
- c) proporcionar uma satisfatória instrumentalização técnica que possibilite uma ação eficaz".*

Para isso, segundo o autor, há um aspecto essencial que deve estar subjacente a es-

sas finalidades e que constitui o seu núcleo articulador: a unidade indissolúvel entre teoria e prática educativa. A prática educativa deve ser sempre o ponto de partida e o ponto de chegada. Considerando que o futuro professor irá realizar sua ação no contexto escolar, a prática pedagógica deve ser tomada como ponto de partida no processo de qualificação, tendo em vista a sua transformação no sentido de torná-la conseqüente e eficaz. Assim, se passa da realidade tal como ela se apresenta empiricamente para a realidade pensada, e depois para a prática entendida criticamente, buscando sua transformação.

Em muitos depoimentos inferimos existir uma grande responsabilidade, pela transformação, nas mãos do professor:

"A pessoa responsável pelo desenvolvimento, pela melhoria da qualidade de vida, pela formação da cidadania participativa cooperativa e solidária, que pode colaborar na formação de uma nova sociedade ou transformar a atual em uma sociedade mais justa para todos" (Q. 531).

"É um agente transformador da sociedade" (Q. 334).

"É um gestor de conhecimentos que tem um salário baixo, mas que crer na sua profissão, apesar da desvalorização do professor. É um batalhador que tem oportunidade imensa de transformar a sociedade através da formação de alunos críticos e conscientes" (Q. 220).

"Para mim professor é aquele que forma cidadãos críticos, que procura levar seus alunos ao conhecimento de que podemos começar a lutar contra aqueles que discriminam, praticam violência contra a distribuição de renda" (Q. 562).

"O professor é muito discriminado pela sociedade mas, apesar de tudo é um batalhador e alguém indispensável para a sociedade à medida que contribui para o processo de ensino- aprendizagem, não apenas transmitindo conhecimento, mas ensinando seus alunos onde e como buscá-los. Passando a participar do processo de transformação do ser e da sociedade, tendo como pressuposto a idéia

e a prática de que o homem, o conhecimento e a realidade não são algo já constituído e acabado, mas que um se faz e refaz no outro” (Q. 550).

Essas representações nos remetem mais uma vez a Giroux (1999, p. 26), quando defende que:

“Só a profissão do ensino tem a responsabilidade primordial de educar cidadãos críticos, ao passo que, por exemplo, a principal responsabilidade da profissão médica é curar. Os educadores têm uma responsabilidade pública que por sua própria natureza os envolve na luta pela democracia. Isso torna a profissão do professor um recurso público singular e poderoso”.

Dos sujeitos que representam ser professor na “perspectiva da possibilidade” vindo a identidade docente no sentido da “transformação”, 13,4% estão na faixa etária acima de 26 anos, 14,0% são oriundos de escola pública, 14,0% estão no início do curso, ou seja, até o quarto semestre, 14,0% estão na faixa de renda salarial de seis a dez salários mínimos, ou seja, são de baixa renda e 14% não têm experiência como professor.

**A “perspectiva da adaptabilidade”:
a identidade docente como adaptativa**

A 2ª categoria de representação social da identidade docente pode ser percebida nos discursos dos sujeitos inquiridos como uma identidade que tem saberes específicos, necessários ao seu trabalho, embora não se perceba tais saberes como indicadores de uma autonomia, de uma prática crítica voltada para a transformação das condições sociais existentes; pelo contrário, os discursos expressam claramente a idéia de que esses conhecimentos são necessários para a manutenção da situação dominante, demonstrando uma certa adaptabilidade:

“O professor é aquele profissional competente, capaz de atuar muito bem no seu ambiente de trabalho, principalmente se tiver diploma universitário” (Q. 449).

“Agente transferidor de conhecimentos que satisfaz ao mercado capitalista” (Q. 456).

“Aquele profissional que tem a responsabilidade de transmitir o conhecimento para os alunos, visando educá-los” (Q. 161).

“O professor é visto como um intelectual essencial à formação integral do cidadão, que deveria ser melhor remunerado” (Q. 315).

Nesse sentido merece ser resgatada a concepção de formação de professores que se encontra respaldada no modelo de “racionalidade técnica”, onde a aprendizagem das teorias e técnicas, e sua aplicação rigorosa na solução dos problemas do cotidiano pedagógico garantiriam a formação do professor como um “técnico especialista”, como assinala Pérez Gómez (1995).

Nessa perspectiva, os professores são profissionais que, por meio da acumulação de conhecimentos, aprendem técnicas a serem aplicadas na resolução dos problemas do cotidiano, vêem a realidade como algo previsível e uniforme ignorando a complexidade desse cotidiano. Infere-se que, quando os sujeitos expressam a representação social do professor como um “profissional importante na vida das pessoas” (Q. 418) mas não expressam nem uma referência a um trabalho crítico, ele se torna um mero repassador de conhecimentos. “É fundamental na formação da sociedade, sua importância chega a ser vital, visto que todas as camadas da sociedade passam pelas suas mãos para adquirir conhecimentos” (Q. 503).

Em muitos textos fica clara a identidade docente como apoiada em um tripé formado por saber ensinar que pressupõe experiência, conhecimentos científicos e saberes pedagógicos didáticos.

“O profissional que deve dar boa educação e transmitir conhecimento às crianças, desde comportamento a conhecimentos científicos” (Q. 264).

“A pessoa que ensina a ler e a escrever” (Q. 531).

“É o responsável pelo ensino-aprendizagem” (Q. 350).

“Batalhador, tem que se desdobrar em dois, três empregos, trabalhador compe-

As representações sociais da identidade profissional docente

Ivanilde A. Montelro

tente que se esforça a fim de conseguir seu espaço e reconhecimento na sociedade" (Q. 89).

"Aquele que possui os meios para conduzir os alunos a adquirir conhecimentos, como seres em constante formação, colaborando com os seus alunos para que saiam do senso comum e desenvolvessem seus conhecimentos científicos e intelectuais, aumentando as capacidades de viver bem no mundo" (Q. 22).

Dentro de uma visão de totalidade, não podemos deixar de lado as questões econômicas que regem o momento atual, principalmente em um país como o Brasil em que, sabemos, o desemprego é grande, muito mais em função do despreparo dos trabalhadores do que por escassez de postos de trabalho. Nesse sentido Farias (1999, p. 525) chama atenção para: *"A educação escolarizada, em todos os seus graus e níveis de ensino, não pode estar alheia aos desafios colocados pela contemporaneidade, pois poderá perder 'o bonde da história', bonde que não trafega mais em trilhos fixos, porém, em satélites cada vez mais complexos"*.

Sendo assim, fica claro, nos textos dos sujeitos, que numa nação em que pretenda cumprir as exigências de uma sociedade contemporânea deverá se preocupar com a formação de uma população altamente instruída, o que passa, necessariamente, pela função do professor.

A "perspectiva da impossibilidade": a identidade docente como "desencanto"

Analisando detalhadamente a 3ª categoria, percebemos claramente, nos textos dos inquiridos, que a representação da identidade docente no sentido do "desencanto" está vinculada diretamente à remuneração e ao papel que esses profissionais vêm tendo na sociedade brasileira. Tais textos nos remetem a expressão "mal-estar docente" que se refere aos efeitos de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas, econômicas e sociais em que se exerce a docência (Esteve, 1995).

O autor destaca alguns fatores que se encontram conectados e interferentes, uns nos outros, provocando tal sensação: "o aumento de exigência sobre o professor", que aparece como um importante colaborador na instalação do mal-estar docente, surge nos discursos de muitos sujeitos como um fator ligado à "perspectiva da impossibilidade", do "desencanto".

"Profissional que trabalha muito, ganha pouco, não é reconhecido em seu trabalho e ainda trabalha sem condições estruturais e materiais, tendo que virar artista" (Q. 179).

"Trabalha muito, ganha pouco e fica velho mais cedo" (Q. 140).

"Um profissional mal remunerado, com muito trabalho, mal compreendido e com poucas perspectivas" (Q. 170).

"O professor não é valorizado. Quando, por exemplo, nós que fazemos o Curso de Pedagogia, dizemos o curso que estamos fazendo, muitos fazem expressão de desprezo" (Q. 35).

Tais representações vêm de encontro à análise de Villa (2002), ao elencar uma série de fatores que acometem os professores colaborando para esse "desencanto" e influenciam diretamente a atuação do professor em sala de aula, gerando tensões e conflitos, como por exemplo: a modificação do papel do professor, o aumento da contestação e das contradições na função docente, a incerteza a respeito dos objetivos de ensino etc. Outros fatores dizem respeito ao contexto em que se exerce a docência: falta de recursos materiais, condições de trabalho, violência nas escolas, condições salariais, etc. O que pode contribuir até para um sentimento de revolta dos profissionais.

"O professor é desvalorizado, ridicularizado, roubado e mal pago pelo atual sistema" (Q. 52).

"Penso que o professor nunca terá um bom salário e estará sempre sobrecarregado de tarefas" (Q. 515).

As representações sociais da identidade profissional docente

vanilde A. Monteiro

"Um profissional que assume várias turmas para poder sobreviver e é visto como coitadinho" (Q. 169).

"A imagem do professor-sofre com salários humilhantes e é incapaz de procurar outra ocupação" (Q. 44).

É evidente que a questão da desvalorização do professor surge nas inúmeras formas de desprestígio às quais ele se encontra sujeito. Uma dessas formas está ligada à condição salarial, fato já alertado por Lima (2003, p. 72): "a desvalorização salarial tem importância não apenas direta, que já seria significativa nos termos da vida prática, mas traz também uma conseqüência indireta, vindo como mais um fator a desvalorizar socialmente o professor".

O pensamento neoliberal na sociedade atual, onde o valor de um bem é determinado pelo seu valor de venda, tende a determinar o trabalho do professor como mercadoria pouco valorizada, o que acaba deixando de trazer garantia de ascensão social e sendo um trabalho "desglamourizado", o professor não apenas perde aquele "brilho", como é destituído do poder de revestir desse "brilho" seu aluno, que se torna uma espécie de mercadoria de pouco valor (Ibidem, p. 81), o que fica também comprovado nos depoimentos dos inquiridos:

"Não pode fazer outro curso e foi ser professor, e quando se formar vai passar fome" (Q. 63).

"A imagem de um profissional injustiçado pela sociedade, onde a mesma reconhece a sua importância, contudo menospreza e se utiliza deste como um mero reprodutor dos seus interesses" (Q. 97).

"É um pobre coitado que tem que ter vários empregos para se manter" (Q. 220).

"Vejo um professor ao longo da história como um guerreiro que foi perdendo suas forças e envelhecendo. Que agora quer recuperar sua dignidade e autenticidade mas não consegue devido a situação que se encontra a educação hoje e a espertezas dos governantes que pretendem deixar as coisas como estão para continuar a sugar o povo. É frustrante, re-

voltante; é a imagem de um pesadelo: ver toda a desgraça que acontece e não consegue mudar a situação" (Q. 139).

Dentro ainda da categoria da perspectiva da "impossibilidade", surgem expressões que demonstram a representação social da identidade docente, em nossa leitura, como "desencanto" uma vez que expressam uma "não-identidade" docente:

"O professor perdeu sua identidade, hoje vivemos numa sociedade onde todo mundo resolveu ser professor, desvalorizando cada vez mais o papel do docente" (Q. 586).

"O professor é sem identidade e desvalorizado" (Q. 260).

"O salvador da pátria" (Q. 112).

"Um funcionário que faz parte da escola e não como um profissional que tem em mãos o futuro dos seus alunos" (Q. 99).

"Os extremos, ou seja, quando ele não é exaltado demagogicamente, é relegado ao mais inferior profissional" (Q. 144).

"Um autômato que o sistema educacional desconsidera" (Q. 103).

"O professor é um profissional de segunda classe, que está na escola somente por falta de oportunidade em outras áreas. Que qualquer pessoa com um bom nível de escolaridade pode exercer a profissão" (Q. 214).

Percebemos que a identidade docente aparece como um "mosaico" onde surgem um pouco de tudo, o que pode ser entendido como não tendo uma identidade própria de referência:

"O professor é visto inicialmente como o responsável por toda a educação do ser humano, ou melhor, o salvador da pátria; também é visto como o vilão do fracasso escolar, pois é um incapaz" (Q. 311).

"Algumas vezes aparecendo como "um boneco manipulado pela sociedade" (Q. 347); outras vezes, como "Um profissional mal remunerado que, em função disso, não desempenha seu papel como deveria" (Q. 313) ou, "Babá de aluno" (Q. 10) ou "É a 2ª mãe" (Q. 395) ou "Um

As representações sociais da identidade profissional docente

Ivanilde A. Monteiro

funcionário que faz parte da escola como outro qualquer" (Q. 99).

Fica claro que as características da realidade educacional brasileira, marcada por tantas e profundas desigualdades e pela instabilidade profissional e econômica intervêm, de forma decisiva na construção e reconstrução da identidade docente, pois como nos lembra Pimenta (1998, p. 165):

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão, da revisão constante do significado social da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações, porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias.

Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, como autor e ator, confere à atividade docente no seu cotidiano, com base em seus valores, seu modo de situar-se no mundo, sua história de vida, suas representações, seus saberes, suas angústias e seus anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor. Assim como baseado em sua rede de relações com outros professores, outras escolas, sindicatos e outros agrupamentos, o que significa, que estando em construção pode ser transformada.

Considerações Finais

Com relação às representações sociais da Identidade Docente inferimos que essas estão mais voltadas para a perspectiva da "impossibilidade", na medida em que a grande maioria dos inquiridos percebeu a identidade docente como "uma não identidade", uma identidade em crise, uma identidade desvalorizada socialmente; ou seja, o docente é um profissional extremamente mal remunerado, que trabalha muito e é muito cobrado, sem ter retorno em termos de valorização social e ganhos salariais, que não se vê como um profissional qualificado e não tem clareza de seu papel na sociedade. Nesse senti-

do, expressões como: "babá de aluno", "tia", "faz-tudo" "sofessor", entre outras, demonstram claramente o sentido do "desencanto" embutido na representação que grande parte dos inquiridos tem do professor.

Contraditoriamente, também ficam evidentes os outros dois sentidos aqui adotados como expressões das categorias: possibilidade e adaptabilidade, embora em percentuais bem reduzidos com relação ao sentido do "desencanto".

O sentido da "transformação", no qual os sujeitos percebem o professor não apenas como um técnico que executa os procedimentos vindos de uma "racionalidade técnica", e sim como sujeito construtor da sua profissão e como sujeito ativo, um agente de transformação. A idéia do professor "crítico" também surge como referência na formação e na profissionalização.

O sentido da "adaptação" surge nas representações dos sujeitos que percebem o professor como aquele profissional que tem a função de ensinar aos alunos os saberes necessários ao ingresso e permanência no mercado de trabalho. O professor é visto como o profissional que forma o trabalhador, mas não existe a preocupação com outras questões ligadas à formação do cidadão e sua emancipação.

As representações da identidade docente nos parecem um pouco conflitivas para a maioria dos inquiridos, sem grandes diferenças entre os sujeitos que já exercem e os que ainda não exercem a profissão. Ou seja, ao mesmo tempo que o professor é visto como um profissional crítico pelos inquiridos, estes inquiridos não participam de associações, sindicatos, partidos políticos, pesquisas. No mesmo momento que expressam que o professor é desvalorizado socialmente, não expressam vontade de luta por uma mudança, sendo demonstrado explicitamente, muitas vezes, um certo desencantamento pela própria formação e profissão docente.

Temos clareza que o processo de construção de identidade docente não é natural, mas é um processo social e histórico fornecido pela

ação do grupo que deseja a profissionalização e a valorização da profissão docente, assim como pelo contexto que fornece as condições exigidas a esse processo.

Assim, ficou-nos a certeza de que as representações sociais da identidade docente, expressas pelos nossos inquiridos, encontram-se permeadas pelas contradições e fragilidades inerentes a um processo de identificação no qual os sujeitos se integram em grupos de pertença ou de referência, pois, vale ressaltar, no sentido da construção da identidade docente, a “fragilidade” que reveste o Curso de Pedagogia (enquanto formação inicial), e também a Pedagogia, enquanto campo de conhecimento. Assim como o fato de os sujeitos conviverem em seu campo social com algumas características desestimuladoras da atividade docente que denigrem a sua imagem e, além disso, as políticas governamentais que vêm contribuindo para tal desencanto.

O resultado dessa situação pode contribuir, a nosso ver, para o “mal-estar docente”, que surge na representação da grande maioria dos sujeitos inquiridos, quando se refere a ser professor, pois, como vimos, o sentido que é atribuído pelo maior número dos sujeitos é de “desencanto”, de um certo desânimo com relação à sua identidade profissional e no percentual reduzido de explicitação do professor como mediador da construção de conhecimentos necessários à melhoria das condições de vida, da luta por um mundo melhor, o que pode revelar uma necessidade, até certo ponto urgente, de uma visão multidimensional e emancipatória a ser trabalhada na formação inicial.

A imagem desencantada, depreciativa e desestimulante não pode ser deixada de lado, pois isto pode, ao invés de contribuir para a mobilização e construção de idéias e práticas emancipadoras, gerar a cultura do desmonte, da descrença, do abandono, da inércia.

7

As representações
sociais da
identidade
profissional
docente

Ivanilde A. Monte

Notas

¹ A letra Q seguida de um numeral significam o sujeito e o número de seu texto.

Referências Bibliográficas

ABRAHAM, A. *Le monde intérieur des enseignants*. Paris: EPI, 1972.

BENAVENTE, A. "Os professores e a Mudança da Escola". Actas do Encontro nacional – PROFMAT, 1989, 88, pp. 9-23.

BLIN, J-F. *Représentations, pratiques et identités professionnelles*. Paris: L'Harmattan, 1997.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL. Difusão Editorial, Ltda, 1989.

CUNHA, M. I. "Profissionalização docente: contradições e perspectivas". In: VEIGA, Ilma Passos A. e CUNHA, Maria Isabel da. (orgs.). *Desmistificando a profissionalização do magistério*. Campinas: São Paulo. Papirus, 1999.

ESTEVÃO, C. A. *Educação, Justiça e Democracia. Um estudo sobre as geografias da justiça em educação*. São Paulo: Cortez, 2004.

ESTEVE, J. M. "Mudanças sociais e função docente". In: NÓVOA, A. (org.). *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora, 1995.

FARIAS, I. M. "A formação do profissional da educação. Desafios da contemporaneidade". In: *Investigar e formar em educação*. 1º volume. Porto: PT, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1999.

FERNANDES, F. T. "Desigualdades e representações sociais". In: *Sociologia. Instituto de Sociologia*. Faculdade de Letras, Universidade do Porto, PT. Vol X, Porto, 2000. p. 203-214.

FERREIRA, F. I. "Identidade dos Professores: Perspectivas Teóricas e Metodológicas". In: *Formação, saberes profissionais e situações de trabalho*. Vol. I Association Francophone Internacional de Recherche en Sciences de L'Education. VI Coloquio Nacional da AIP ELF/AFIRSE, 1996.

GIROUX, H. "Pedagogia Crítica e Intelectual Transformativo". In: FELDENS, M. G. F. e FRANCO, M. E. D. P. (Orgs.). *Ensino e Realidade: Análise e Reflexão*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1986.

GIROUX, H. *Teachers as Intellectuals: Toward a Critical Pedagogy of Learning*. Massachusetts, Bergin & Garvey, 1988.

GIROUX, H. *Cruzando as fronteiras do discurso educacional. Novas políticas em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 1999.

GOMES, R. *Culturas de Escola e Identidades dos Professores*. Lisboa: EDUCA, 1993.

GONÇALVES, J. A. "A carreira dos professores do Ensino Primário. Contributo para a sua ca-

As representações
sociais da
identidade
profissional
docente

anilde A. Monteiro

racterização". Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, 1990.

GONÇALVES, J. A. "Prática docente e identidade profissional". In: *Formação, saberes profissionais e situações de trabalho*. Vol. I. Association Francophone Internationale de Recherche en Sciences de L'Education. VI Coloquio Nacional da AIPELF / AFIRSE, 1996.

GUARESCHI, P. "Sem dinheiro não há salvação: ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais". In: GUARESCHI, P. e JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GUIMARÃES, V. "Saberes docentes e identidade profissional: um estudo a partir da licenciatura". Tese de Doutorado. São Paulo. FE-USP, 2001.

JANUÁRIO, C. & MATOS, Z. "A Identidade Profissional em Educação Física e Desporto". In: *Revista Horizonte*, 1996, XII (71), p. 163-171.

JOBERT, G. *Processus de Professionnalisation et Production du Savoir*. Éducation Permanente, 80, 1985 p. 125-145.

LESSARD, C. "La profesión enseignante: multiplicité des identités professionnelles et culture commune". In: *Rèperes, Essais en Education*. 1986, nº 8, p. 135-190.

LIMA, M. A. "O mal-estar docente e o trabalho do professor- algumas contribuições da psicanálise". In: PAIVA, E. V. (org.). *Pesquisando a formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

LOPES, A. e RIBEIRO, A. "A construção de identidades profissionais docentes: 'começas tu ou começo eu?'". In: *Formação, saberes profissionais e situações de trabalho*. Vol I. Association Francophone Internationale de Recherche en Sciences de L'Education. VI Coloquio Nacional da AIPELF/AFIRSE, 1996.

MELO, M. T. L. *Programas oficiais para formação dos professores da educação básica*. In:

Educação & Sociedade. Campinas-São Paulo, CEDES, 1999, N.68/especial. Dez. p. 45-60.

MINAYO, M. C. "O conceito de Representações Sociais dentro da sociologia clássica". In: GUARESCHI, P. e JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

NÓVOA, A. *Do Mestre-Escola ao Professor do Ensino primário. Subsídios para a história da profissão docente em Portugal (séculos XVI-XX)*. Lisboa: ISEF, 1986.

NÓVOA, A. *Lê Temps des Professeurs. Analyse Sócio-Historique de la profession Enseignante au Portugal (XVIII-XX Siécle)*. Lisboa: INIC, 1987, 2 vols.

NÓVOA, A. *Os professores. Quem são? Onde vêm? Para onde vão?*. Lisboa: ISEF, 1989.

NÓVOA, A. "Os professores e as histórias da sua vida". In: NÓVOA, A. (org.). *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 1992. p. 11-30.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. "O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo". In: NÓVOA, Antonio. (coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa. Pt. Publicações Dom Quixote. Instituto de inovação educacional, 1995.

PIMENTA, S. G. "Formação de professores: Saberes da docência e identidade do professor". In: FAZENDA, I. (org.). *Didática e interdisciplinaridade*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

ROCKWELL, E. MERCADO, R. "La práctica docente y la formación de maestros". *Investigación em la escuela*. 1988. N. 4, p. 65-78, Universidade de Sevilha.

RODRIGUES, N. *Da mistificação da escola à escola necessária*. São Paulo: Cortez, 1989. 3ª ed.

SAVIANI, D. "Filosofia na formação do educador". In: *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. Campinas: Autores Associados, 1980.

VILLA, F. G. *Crise do professorado: uma análise crítica*. Campinas. Papyrus, 2002.